

A influência das plataformas digitais na democracia mundial e o problema das *fake news*

The influence of digital platforms in worldwide democracy and the fake news

Arthur Pinheiro Basan

Doutor em Direito pela Unisinos. Mestre e Bacharel em Direito pela UFU. Professor da UniRV.

E-mail: arthurbasan@hotmail.com

Gabriel Oliveira de Aguiar Borges

Doutorando em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre e Bacharel em Direito pela UFU. Professor da Unetri. Advogado.

E-mail: gabrieloab@outlook.com

Adriano Fernandes Faria

Bacharelando em Direito pela UFU.

E-mail: adrianonacional@gmail.com

Resumo: O presente trabalho almeja discutir a influência das plataformas digitais no processo democrático, por meio de movimentos sociais surgidos nas redes sociais e pelos partidos digitais. Também será realizada uma análise acerca da questão das notícias fraudulentas e sua fácil propagação na Internet, o que pode ter impacto negativo na democracia.

Palavras-chave: Partidos digitais. Movimentos sociais. Notícias fraudulentas.

Abstract: This work aims to discuss the influence of digital platforms in the democratic process, through social movements emerged from social networks and the digital parties. In addition, the work shall analyze the issue of the fake news and their easy spread on Internet, which may have a negative impact on democracy.

Keywords: Digital parties. Social movements. *Fake news*.

1 Considerações iniciais

É inegável que o desenvolvimento e o aprimoramento das Tecnologias de Informação e Comunicação promoveram fortes impactos em diversos setores da sociedade. Evidentemente, o advento do mundo digital carrega consigo inúmeras novas possibilidades de relações sociais, notadamente por meio das denominadas redes sociais, o que gera mudanças inclusive na forma do agir político dos cidadãos.

Partindo disso, é possível notar que o ambiente da Internet possibilita novas ferramentas para o exercício dos atos de cidadania, especialmente diante da possibilidade de discussões, reuniões, organizações e outras ações sociais com

finalidades predominantemente políticas. Trata-se, portanto, de tema atual e relevante, afinal, não há como negar, no presente contexto, a influência das plataformas digitais nas democracias.

Ocorre que, do mesmo modo que os instrumentos tecnológicos e a aproximação social permitida pelas plataformas digitais ampliam as possibilidades de organizações políticas, surgem novos problemas a partir das informações falsas dolosamente compartilhadas, as denominadas *fake news*. Isso porque, em razão da grande difusão de informações no ambiente virtual, uma mensagem falsa criada de maneira dolosa pode gerar consequências negativas de proporções incalculáveis, inclusive expondo em risco o próprio regime democrático.

Com base nisso, a problemática desenhada no presente artigo parte da seguinte questão: no atual contexto brasileiro, de que modo a participação política através das mídias digitais é prejudicada pela proliferação das *fake news*? Partindo do problema exposto, pretende-se, como objetivo geral, apontar como as plataformas digitais estão influenciando as ações políticas, notadamente por meio dos movimentos sociais organizados pelas redes sociais, muitas vezes através de mensagens falsas, o que demanda uma análise mais aprofundada desse fenômeno.

Além disso, o texto foi elaborado com os seguintes objetivos específicos: i) analisar os acontecimentos históricos dos últimos anos que apontam para a organização política através de plataformas digitais; ii) relacionar os problemas abordados com a obra “*Digital Party*” de Paolo Gerbaudo com destaque para a evolução de partidos digitais na Europa e suas plataformas de tomada de decisão; e iii) debater a influência das plataformas digitais na democracia atual, com recorte específico sobre a ideia de “pós-verdade”.

Sendo assim, o presente trabalho pretende avaliar movimentos populares que eclodiram no mundo a partir de 2011 no mundo árabe, na Europa e no Brasil. A primeira hipótese de trabalho é de que exista entre esses movimentos uma relação, se não de ideologia social ou política, pelo menos de meio, ou seja, o uso de ferramentas digitais como meio de convocação em massa para manifestações públicas e a posterior criação de líderes e partidos políticos com base de sustentação nos mesmos atores sociais participantes das manifestações.

A segunda hipótese é de que esses partidos sejam capazes de alimentar a crença de que o uso de tecnologias digitais possa resolver o problema do déficit democrático que afastou da política os cidadãos comuns em todo o mundo, na mesma medida em que podem manipular a opinião dos seus seguidores através da democracia digital deliberativa dirigida a propósitos específicos, mitigando intenções populares legítimas, distorcendo resultados, implantando ideologias e conduzindo à pós-verdade, por meio das denominadas *fake news*.

O artigo é teórico e adotou método de abordagem indutivo. Quanto ao procedimento, os métodos utilizados foram o histórico e o comparativo. Para melhor adequação metodológica, o texto foi dividido em três partes: em um primeiro momento, apresentaram-se importantes movimentos sociais organizados por meio de plataformas digitais. Logo em seguida, demonstrou-se a ideia de partidos digitais, bem como os nuances relacionados ao tema. Por fim, apresentou-se a influência das plataformas digitais no atual contexto democrático, criticando o problema das *fake news*.

2 A recente eclosão dos movimentos sociais pelo mundo

2.1 A Primavera Árabe

A Primavera Árabe – termo consagrado nas mídias ocidentais após incidentes que eclodiram logo após o ato de autoimolação de Mohamed Bouazizi¹ na Tunísia em dezembro de 2010 – pode ser descrita, em apertada síntese, como uma série de revoltas populares no Oriente Médio e no Norte da África com desdobramentos históricos para estas e várias outras regiões do mundo. Associadas a lutas pelo fim da repressão de governos autoritários e corruptos, em prol da democracia, liberdade e por melhores condições de vida, as revoltas populares em massa se alastraram e produziram efeitos particulares em diferentes países. Se, por um lado, países como a Tunísia conseguiram avançar na conquista de direitos humanos, com modelo de transição política democrática bem sucedida, outros ainda enfrentam conflitos e instabilidades de toda ordem, sem perspectivas de solução próxima e até mesmo com violentas revoltas armadas, como no caso da eclosão de guerras civis na Síria, Líbia e no Iêmen².

Dentre as redes sociais disponíveis à época, a mais importante para potencializar as manifestações árabes foi a conhecida plataforma do Facebook, criada por Mark Zuckerberg. Segundo Salem e Mourtada (2011) conforme citado por Bartkowiak (2017, p. 74),

O número de usuários do Facebook em Janeiro de 2010 era de 11.978.300 de pessoas, passando para 21.361.863 em dezembro de 2010. Isso significa um aumento de 78% do início do ano até a época em que se teve o início da Primavera Árabe. [...]. O Facebook é uma rede social, cuja maioria dos usuários está na faixa etária de 15 aos 29 anos.

¹ Mohamed Bouazizi (1984-2011) não era nenhum revolucionário incendiário, mas sim um jovem desempregado que sustentava uma família de oito pessoas com a venda ambulante de frutas e legumes no município de Sidi Bouzid, no centro da Tunísia. No dia 17 de dezembro de 2010, ao sair para vender seus produtos, Mohamed foi abordado por inspetores do governo que exigiram propina para que ele continuasse com as vendas, já que, segundo eles, o jovem não possuía autorização para a venda. Como se recusou a pagar, teve seus produtos apreendidos e foi humilhado publicamente. Na tentativa de reaver seus produtos, tentou uma audiência com o governador local, mas o governador se recusou a recebê-lo. Enfurecido, Bouazizi comprou gasolina e ateou fogo ao seu corpo na frente do escritório do governador. Com queimaduras em 90% do corpo, acabou morrendo no dia 04 de janeiro de 2011. O que ele nunca imaginou foi que seu ato seria a fagulha para a Primavera Árabe. Para saber mais sobre a biografia de Mohamed Bouazizi ver o material produzido pela Enciclopédia Britannica. Em artigo recentemente revisado e atualizado por Noah Tesch.

² No Iêmen, a Guerra Civil que se estende até a data de publicação deste artigo, tem alcunha de “a Guerra esquecida do Oriente Médio”, uma vez que os holofotes internacionais têm destacado especialmente a Guerra na Síria e os conflitos no Iraque. Considerado o país Árabe mais pobre do mundo, atualmente o Iêmen é marcado por enorme instabilidade, crise humanitária e exposto a violações de direitos humanos. Em setembro de 2019, especialistas da ONU chamaram a atenção para a possibilidade da ocorrência de crimes de guerra no país.

Esses números nos dão o indício de que o interesse pela plataforma de Zuckerberg por jovens teve uma estreita relação com a organização de manifestações presenciais em massa que se espalharam por outros países, após os incidentes da Tunísia. Destaque especial deve ser dado às grandes mobilizações no Egito, a partir de 25 de janeiro de 2011, com milhares de pessoas reunidas na praça Tahrir³ – transformada numa espécie de Ágora da Grécia antiga com cidadãos das mais variadas matizes, de operários a professores universitários – exigindo a renúncia do presidente Hosni Mubarak, que estava no poder havia 30 anos. E mais uma vez o uso de ferramentas digitais foi crucial, a ponto de o governo egípcio, numa desesperada tentativa de conter o avanço dos protestos, bloquear a Internet. Como alternativa tecnológica, nos primeiros dias de fevereiro, a empresa *SayNow* abriu a possibilidade de qualquer pessoa fazer uma postagem no Twitter, deixando uma mensagem de voz em três números telefônicos, de tal modo que a mensagem era instantaneamente convertida em texto e disponibilizado no Twitter na conta “#egypt” (SANTOS, 2011).

Apesar de a Primavera Árabe não ter alcançado em todos os países envolvidos os triunfos esperados pelos manifestantes, como alternativas aos regimes autoritários, menor repressão dos regimes autoritários e mais liberdade, foi encontrada uma forma rápida e eficiente para que o ideário das revoltas civis pudesse passar de uma cidade para outra e até mesmo de um país para outro: o uso das redes sociais⁴.

2.2 O Movimento de 15 de maio de 2011 na Espanha

A crise econômica deflagrada devido às hipotecas no mercado imobiliário dos Estados Unidos em 2008 e apontada por muitos como a pior crise desde a Grande Depressão de 1929 não ficou restrita apenas aos limites geográficos daquele país, ao contrário, afetou todo arcabouço financeiro mundial, inclusive do outro lado do Oceano Atlântico. Como descreve Previdelli (2016, *online*):

Já no caso europeu, a partir de 2009, a crise deixaria de ser uma turbulência de mercados especulativos, mudando até de nome para Crise das Dívidas Soberanas⁵, passando a afetar milhões de cidadãos do velho continente. Estes viram seus sistemas de educação, saúde e segurança social sofrerem cortes que os tornaram ineficientes. A própria constatação de ineficiência serviria como justificativa para a privatização dos mesmos. O desemprego e a exclusão social resultantes desse processo aumentaram.

A privação de condições básicas para subsistência em meio a um cenário de crise mundial foi o fermento social para que insatisfações coletivas aflorassem, e a ferramenta primeira para a confluência de manifestações, foi a Internet.

³ Em árabe, Tahrir quer dizer “libertação”.

⁴ Para informações mais aprofundadas e detalhadas, pode-se consultar: “A Primavera Árabe e as Redes Sociais”, (BARTKOWIAK, 2017).

⁵ A denominação “Crise das Dívidas Soberanas” é associada às dívidas internas ou externas dos países.

Com o agravamento da crise na zona do Euro em 2011, a Espanha mergulhou numa crise econômica sem precedentes, com índices de desemprego acima dos 20% da população economicamente ativa e, com desemprego juvenil acima de 45% – segundo o que anunciou naquele mesmo ano o Instituto Nacional de Estatísticas (INE). O ambiente de descontentamento rapidamente transformou-se em revolta, e o momento para materialização do sentimento coletivo pareceu óbvio: as eleições municipais de 22 de maio.

Nesse contexto, surgiram vários manifestos organizados na Internet, como o “#NOLESVOTES” (Não vote neles) – escancarando o cenário de corrupção política espanhola – e o “Democracia Real YA!” (Democracia Real Já) – que trazia como lema: “Não somos mercadorias nas mãos de políticos e banqueiros”. Rapidamente, vários outros movimentos se juntaram a esses e, então, uma manifestação nacional foi marcada para o dia 15 de maio de 2011 (15-M), com apoio inclusive das centrais sindicais. A mobilização virtual foi um sucesso, levando dezenas de milhares de pessoas às ruas em Madrid, Barcelona e em outras cidades. A *Puerta do Sol* (Praça Porta do Sol) em Madrid transformou-se, então, no símbolo do movimento e epicentro da crise espanhola, ficando ocupada por várias semanas. Nascia, assim, mais um movimento com impulsionamento das redes sociais: “Acampadas”.

Com a premissa de ser um movimento sem líderes, mas com regras que passavam pela proibição de palavrões, desaconselhando uso de álcool, recusa à drogas, não-violência como princípio e debates intensos organizados em assembleias, o movimento das “Acampadas” tornou-se cada vez mais sólido e descentralizado, com discussões que saíram das praças e se alastraram por bairros e universidades. Tamanho foi o grau de organização e lastro do movimento que, no dia 25 de maio a “AcampadaSol”⁶ (Acampada da Porta do Sol) produziu um documento com síntese de propostas tiradas em assembleias. E o movimento prometia não terminar com o fim das ocupações, como bem predisse Castells (2011, *online*):

Poderão sair das praças, para voltar periodicamente a elas, mas não sairão das redes sociais e das mentes daqueles que nelas participam. Já não estão sozinhos e perderam o medo. Porque descobriram novas formas de organização, participação e mobilização que saíram dos canais tradicionais, dos quais uma parte da sociedade, e a maioria dos jovens, desconfia. Os partidos e as instituições terão também de aprender a viver com esta sociedade civil emergente. Se não, ir-se-ão esvaziando a partir de dentro à medida que os cidadãos forem passando das Wikiacampadas a essa democracia em rede, ainda por descobrir numa prática coletiva que tem a sua raiz em cada pessoa.

Interessante perceber como o público pertencente às mobilizações era diverso, com pessoas de idades variadas, vindos de diferentes classes sociais e com diferentes

⁶ Para ler mais sobre o documento com reivindicações tiradas em assembleia, acessar o artigo do jornal *La Vanguardia* (CASTELLS, 2011). No artigo, o sociólogo usa o termo “*wikiacampadas*” numa referência ao movimento que teve articulação pelas redes sociais e se espalhou pela Espanha: <https://www.lavanguardia.com/opinion/articulos/20110528/54160922879/wikiacampadas.html>.

indignações. Mais curiosa ainda a ausência de líderes: “Se alguém pretendia ser líder, a acampada desautorizava-o [...] decidiu-se que cada pessoa representava a si mesma” (CASTELLS, 2011, online). Muito provavelmente nos anos e décadas próximas, vários estudiosos estarão debruçados sobre essa contradição: as pessoas descobriram, com o auxílio de ferramentas digitais, novas maneiras de se juntar, de reivindicar de maneira coletiva, mas, em contrapartida, mantêm-se presas a interesses individuais.

2.3 As Jornadas de Junho de 2013 no Brasil

O ano de 2013 foi marcado por várias contradições no Brasil. Se, por um lado, havia uma expectativa positiva em relação aos preparativos para dois eventos esportivos de grande expressão – a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 – e com obras de infraestrutura avançando especialmente nas capitais brasileiras, por outro, protestos contra o aumento do passe de ônibus deram início a uma série de eventos que corroeram a estabilidade almejada no país.

Assim como no caso das experiências árabe e espanhola, as ferramentas para a convocação das manifestações de junho de 2013 foram as redes sociais e alçaram ao conhecimento público o Movimento Passe Livre (MPL)⁷. Nascido em Porto Alegre durante o V Fórum Social Mundial, o movimento fora influenciado por protestos relacionados aos preços das tarifas do transporte público ocorridos em Salvador no ano de 2003 no movimento que ficou conhecido como “A Revolta do Buzu” e em Florianópolis no ano de 2004 no movimento “A Revolta da Catraca”.

Apesar de o movimento reivindicatório ganhar a atenção das grandes mídias televisivas e impressas apenas quando avançou para o eixo Rio-São Paulo, as manifestações também ocorreram em outras cidades e capitais, com destaque para as capitais dos estados do Rio Grande do Norte, do Rio Grande do Sul e de Goiás: Natal, Porto Alegre e Goiânia, respectivamente. No dia 06 de junho de 2013, com cerca de dois mil manifestantes nas ruas da capital paulista e o fechamento de importantes vias, o MPL ganhava pela primeira vez os holofotes midiáticos, em certa medida devido à forte violência policial utilizada para dispersar o ato. Todo o uso do aparato estatal de repressão não serviu para intimidar os manifestantes, ao contrário, incentivou-os a novo ato no dia seguinte, agora com mais adesões e bloqueio de uma das mais importantes vias expressas de São Paulo, a Marginal Pinheiro. E dessa vez, a repressão da polícia encontrou resistência: um grupo de militantes do *Black Bloc* (Bloco Negro)⁸ respondeu à violência com violência, com atos de vandalismo e depredação do patrimônio público, suficientes para começar a provocar fissuras internas no movimento e deixar a opinião pública dividida. A ação desse grupo de militantes possuidor de uma estética própria – sempre com o rosto encoberto por máscaras – não foi restrita às manifestações de rua brasileiras e, por esse motivo, chegou a alimentar debates sobre a real independência do

⁷ Para um conhecimento mais aprofundado, acessar a carta de princípios do Movimento Passe Livre (MPL) disponível em: <https://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/carta-de-principios/#mobile-header-left-nav>.

⁸ O *Black Bloc* é uma tática urbana, uma espécie de manobra dentro de manifestações para garantir a defesa dos manifestantes contra a repressão policial.

Movimento do Passe Livre. Segundo Boidy (2016, *online*, tradução nossa) o grupo teve sua origem

nos círculos anarquistas e autônomos da antiga Alemanha Ocidental durante os anos 80, rapidamente se tornou objeto de disseminação transnacional. Importado para os Estados Unidos desde o início dos anos 90 por correntes políticas opostas ao compromisso militar americano durante a Primeira Guerra do Golfo, foi reinvestido mais recentemente pelos revolucionários egípcios durante a "Primavera Árabe" de 2011, e durante os movimentos sociais que agitaram o Brasil em 2013.⁹

De acordo com Judensnaider (2013), conforme citado por Espírito Santo (2014, p. 31), o próximo ato de rua contou com a participação de outro grupo de atuação internacional, o *Anonymous*, que invadiu o site da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e deixou mensagem de convocação. Ainda segundo Espírito Santo (2014, p. 31):

O *Anonymous* ficou internacionalmente conhecido em 2008 quando declarou guerra contra a cientologia. Contudo, a partir de 2011 o grupo ganhou um caráter mais politizado, tendo forte participação no movimento Occupy, na Primavera Árabe e na luta pela liberdade na internet. Seu principal modo de atuação é através de um programa que sobrecarrega o sistema do site do alvo, no caso site de bancos, governos, órgãos internacionais e de agências de controle de cartões de crédito, por exemplo.

Mais dois atos, nos dias 11 e 13 de junho, viriam marcar, de forma crucial, as Jornadas de Junho no Brasil. Considerada por muitos como o momento de maior efervescência do período, a manifestação do dia 13 foi particularmente relevante quando avaliada segundo a atuação da polícia. A tropa de choque da polícia militar usou todo o aparato de repressão disponível, mas com várias quebras de protocolo: bombas de efeito moral, balas de borracha, spray de pimenta, prisões de manifestantes e de repórteres, uso de violência exacerbada, mesmo contra aqueles que protestavam pacificamente. O resultado não poderia ser mais desastroso, um verdadeiro cenário de guerra, com uso desproporcional de força foi registrado por celulares, máquinas fotográficas e filmadoras. Por óbvio, as imagens rapidamente chegaram às redes sociais e desnudaram uma atuação truculenta e equivocada da polícia. Todo esse contexto serviu para impulsionar mais manifestações digitais pelas redes sociais, com destaque para as *hashtags* “#vemprarua” e “#OGiganteAcordou”.

⁹ Apparue dans les milieux anarchistes et autonomes de l'ex-Allemagne de l'ouest durant les années 1980, elle a rapidement fait l'objet d'une dissémination transnationale. Importée aux États-Unis dès le début des années 1990 par des courants politiques opposés à l'engagement militaire étasunien lors de la première guerre du Golfe, elle a été réinvestie plus récemment par les révolutionnaires égyptiens durant le « Printemps arabe » de 2011, et lors des mouvements sociaux qui ont agité le Brésil en 2013.

A partir daí, as manifestações começaram a tomar outros contornos, e o que começou como manifestações de contestação ao valor do transporte público passou a escolher novos alvos: os governos estadual de Geraldo Alckmin (PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira) e federal de Dilma Rousseff (PT – Partido dos Trabalhadores). Dessa forma, as manifestações trouxeram para suas entranhas as cores políticas, e os gritos urbanos de protesto não eram mais uníssonos, ecoando o início de uma polarização política sem precedentes que culminou com o *impeachment* da presidenta do país em agosto de 2016. No meio de todo esse cenário de turbulência e com a popularização do *WhatsApp* – aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones – o Brasil tornou-se terreno fértil para a disseminação de notícias falsas, muitas delas produzidas profissionalmente: as *fake news*¹⁰.

3 Os partidos digitais: uma solução para o déficit democrático?

Na obra “The Digital Party – Political Organisation and Online Democracy” (GERBAUDO, 2019), o autor, professor de Cultura e Sociedade Digital, pesquisador de mídias sociais no ativismo contemporâneo do Departamento de Humanidades Digitais do *King’s College London*, procurou avaliar a influência das redes sociais na organização do que nomeou como os “movimentos das praças” – ocorridos a partir de 2011 – e os desdobramentos produzidos na política mundial a partir de então. Para tanto, usou como fio condutor de análise as experiências ocorridas na Suécia e Alemanha com o Partido Pirata, na Itália com o Movimento Cinco Estrelas e na Espanha com o Podemos.

A característica comum e principal desses partidos foi o desenvolvimento de plataformas de decisão online – no termo em inglês: *the software of decision-making* – que permite aos seus usuários desfrutar da sensação de pertencimento numa nova ordem, “a democracia digital”. Segundo Gerbaudo (2019, p. 106, tradução nossa),

a democracia digital oferece a promessa de abordar a crescente desconexão entre os cidadãos e o processo político, o chamado “déficit democrático” que muitos consideram o principal culpado pela situação de apatia política e insatisfação experimentada por diferentes políticas. Embora a maioria dos projetos iniciais tenha falhado miseravelmente, nos últimos anos testemunhamos o que pode ser chamado de “segunda onda de democracia digital”¹¹.

¹⁰ Em tradução simples o termo *fake news* significa “notícia falsa”. De acordo com o dicionário *Merriam-Webster*, a expressão já era utilizada desde o final do século XIX, no entanto, sua popularização coincide com o período das eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos da América, quando da vitória do 45º presidente do país, Donald Trump.

¹¹ digital democracy offers the promise of addressing the growing disconnect between the citizenry and the political process, the so-called “democratic deficit” which many holds as the main culprit for the situation of political apathy and dissatisfaction experienced by different polities. While most of the early projects failed miserably, in recent years we have witnessed what may be termed a “second wave of digital democracy”.

Para a compreensão das experiências citadas, faz-se mister avaliar as plataformas utilizadas por cada um dos partidos digitais, a saber: a *LiquidFeedback* utilizada pelo Partido Pirata, a *Rousseau* utilizada pelo Movimento Cinco Estrelas e a *Participa* utilizada pelo Partido Podemos.

Via de regra, as plataformas propõem o abandono da antiga estrutura burocrática dos partidos políticos e usam referendos e institutos semelhantes (como plebiscitos, geralmente na forma de voto: SIM / NÃO). Tais plataformas são o coração digital do partido ou, como descreve Gianroberto Casaleggio¹², correspondem ao “sistema nervoso central do partido da inteligência coletiva do movimento” (GERBAUDO, 2019).

Se, por um lado, as plataformas digitais podem resgatar os cidadãos que foram ficando à margem dos processos políticos, por outro, segundo autores das mais diferentes ideologias, o uso de *softwares* de tomada de decisão pode trazer vários riscos. A simplificação excessiva da política, como sugere o historiador e político liberal britânico James Bryce e o arrependimento do entusiasmo inicial dos cidadãos com as plataformas se o recurso da legislação direta fosse generalizado, de acordo com o pensamento do filósofo marxista tcheco-austriaco Karl Kautsky são apenas dois destaques desses riscos. O sociólogo alemão Robert Michels ressalta ainda que há algo perigoso associado aos referendos, bastante presentes nas plataformas de partidos digitais: embora pareçam submeter os líderes à vontade da massa, podem garantir legitimidade para que prossigam com estratégias pessoais, muitas vezes autoritárias (GERBAUDO, 2019).

3.1 O Partido Pirata

Criado na Suécia em 2005 por Dick Augustsson¹³, o partido nasceu com a proposta de revolução digital, defendendo a democracia direta, a proteção de dados e o *open content*¹⁴. Seu auge ocorreu na Alemanha entre 2011 e 2012, quando passou a ser considerado o terceiro partido mais popular do país, no entanto, seu crescimento e queda ocorreram de maneira vertiginosa¹⁵. Em 2016, depois da renúncia de alguns dos seus fundadores e a escancarada falta de preparo de outros remanescentes, o partido viu-se envolvido num caso de homicídio seguido de suicídio (HUETLIN, 2016). O deputado do Partido Pirata da Alemanha, Gerwald Claus-Brunner, foi acusado da morte de um homem, apontado como seu ex-namorado, pouco antes de suicidar-se em Berlim. Logo em seguida o partido perdeu todos os assentos no Parlamento.

¹² Cofundador do Movimento Cinco Estrelas na Itália.

¹³ Dick Augustsson deixou um bom emprego na Microsoft em 2002, mudou seu nome em 2004 para Rickard Falkvinge (Asa de Falcão – tradução livre) e criou o primeiro Partido Pirata do mundo na Suécia em 2005.

¹⁴ Open content – compartilhamento livre de conhecimento, conteúdo aberto.

¹⁵ Para informações mais aprofundadas e detalhadas sobre a trajetória do Partido Pirata, consultar o material eletrônico: <https://partidopirata.org/a-ascensao-e-queda-do-partido-pirata/>.

O partido faz uso da Plataforma LiquidFeedback¹⁶ de orientação fortemente deliberativa, com um recurso inovador que utiliza mecanismo de votação delegada em que os eleitores delegam seu voto a um administrador, uma espécie de *proxy*¹⁷ transitivo. E é exatamente essa uma das maiores críticas dos membros anarquistas, pois, segundo eles, cria hierarquias, algo que contraria os ideários originais do partido.

Segundo Gerbaudo (2019, *online*, tradução nossa),

A plataforma que em grande parte introduziu a questão da democracia digital nos debates públicos além de pequenos círculos de ativistas e desenvolvedores é, sem dúvida, o LiquidFeedback, um software produzido por programadores conectados à Association for Interactive Democracy, de Berlim.

O software foi lançado pela primeira vez em 2009 e é descrito por seus criadores como "um software de código aberto, alimentando plataformas da Internet para desenvolvimento de proposições e tomada de decisões" [...]. O programa ganhou fama por seu uso pelo Partido Pirata Alemão entre 2009 e 2011, mas nos anos seguintes foi adotado por uma variedade de assuntos, incluindo cooperativas, associações cívicas e empresas, para reunir idéias e registrar o sentimento da base. Apresenta-se como um sistema de democracia direta que pode complementar e não substituir completamente a democracia representativa.¹⁸

O Piratas, versão do Partido Pirata no Brasil, é atualmente considerado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) um partido em formação.

3.2 O Movimento Cinco Estrelas

Fundado em 2009 na Itália pelo comediante Beppe Grillo e pelo falecido empresário da comunicação Gianroberto Casaleggio, o *MoVimento 5 Stelle* (M5S) – o número 5 (cinco) é proposital na composição do nome e está atrelado a cinco temas norteadores, a saber: água pública, transporte, conectividade, desenvolvimento e meio ambiente – apareceu no cenário da política italiana com fortes protestos contra partidos históricos, com discursos antissistema e anticorrupção. Vale lembrar que a Itália

¹⁶ Para maiores informações sobre a navegação e o formato da plataforma, acessar a página <https://liquidfeedback.org/>

¹⁷ *Proxy* é um termo utilizado para definir intermediário.

¹⁸ The platform that has to a great extent introduced the question of digital democracy to public debates beyond small circles of activists and developers is undoubtedly LiquidFeedback, a software produced by programmers connected to Berlin-based Association for Interactive Democracy. The software was first released in 2009 and is described by its creators as "an open-source software, powering internet platforms for proposition development and decision making. The programme was brought to fame because of its use by the German Pirate Party between 2009 and 2011, but in the ensuing years it has been adopted by a variety of subjects, including co-ops, civic associations and companies, to gather ideas and register the sentiment of the base. It presents itself as a system of direct democracy that can supplement rather than completely substitute representative democracy.

conviveu com escândalos políticos desde a década de 90 quando a operação “*Mani Pulite*” (Mãos Limpas) foi iniciada.

De acordo com Botana (2015, online, tradução nossa), os “Os legisladores que foram eleitos pelo partido de Grillo são geralmente inexperientes em políticas institucionais, mas muito participativos em mobilizações sociais, profissionais urbanos com estudos, descontentes, se não indignados [...]”¹⁹ com a conjuntura política italiana. Não há como negar a existência de semelhanças entre as motivações que levaram à fundação do Partido Pirata e Do M5S.

O partido faz uso da plataforma de tomada de decisão online chamada *Rousseau*. Baseada no sistema proprietário de conteúdo *Movable Type* lançado em 2001, a versão atual, lançada em 2017, apresenta várias funções interessantes, dentre elas a *Lex Nazionale*, a *Lex Regionale* e a *Lex Europe*, que permitem aos usuários cadastrados na plataforma participar na redação de leis nacionais, regionais e continentais. A plataforma conta ainda com a *Lex Iscritti*, uma função para propostas de leis feitas pelos membros, cursos preparatórios e captação de doações pecuniárias (GERBAUDO, 2019).

Apesar das várias funcionalidades, a plataforma é alvo de críticas. A primeira delas, feita por muitos ativistas, refere-se ao uso de um *software* com sistema de gerenciamento que não é aberto, uma contradição. Outra está associada ao não cumprimento de critérios básicos de usabilidade: as propostas e comentários postados são listados cronologicamente, sem ranking de popularidade. Dentre essas propostas, apenas algumas são pertinentes e de qualidade suficiente para uma consideração séria. Mas, sem dúvida, o maior e mais sério problema da plataforma está associado à segurança. Em agosto de 2017, um *hacker* de “chapéu branco” usando o apelido de Evarist Galois, invadiu o sistema da plataforma e alertou o público sobre as vulnerabilidades e o risco de *download* de dados pessoais. Dias depois, outro *hacker* de “chapéu preto”²⁰ revelou que já tinha percebido tais vulnerabilidades e que havia invadido a plataforma há muito tempo, demonstrando que tinha acesso aos banco de dados de todos os usuários e, por fim, colocou o banco de dados da plataforma *Rousseau* à venda por cerca de 1.000 euros (GERBAUDO, 2019).

Embora tenha conseguido relativo sucesso na política italiana, o M5S parece conviver recentemente com problemas que apontam para o seu declínio. Recentemente, em janeiro de 2020, o líder do partido, Luigi Di Maio, renunciou dias antes das eleições. Nas palavras de Di Maio, que também chefia o Ministério das Relações Exteriores: “Encerra-se uma era, chegou o momento da refundação”²¹. Ainda sobre o assunto, a ex-deputada italiana Renata Bueno lamentou: “A renúncia de Luigi di Maio, da liderança do Movimento 5 Estrelas, constitui o fim trágico de uma organização política que possuía um princípio interessante, de surgir na Internet com a proposta de discussões

¹⁹ Los legisladores electos del partido de Grillo son por lo general bisoños en la política institucional, pero muy participativos en movilizaciones sociales, profesionales urbanos y com estudios, muy descontentos sino indignados [...].

²⁰ Enquanto o *White Hat* (hacker de chapéu branco) trabalha em sistemas de maneira ética para aumentar a segurança, o *Black Hat* (hacker de chapéu preto) usa suas habilidades técnicas para invadir sistemas de forma ilegal e lucrar com isso.

²¹ Para ler toda a matéria, acessar o endereço eletrônico: <https://oglobo.globo.com/mundo/lider-do-movimento-5-estrelas-renuncia-na-italia-dias-antes-de-antes-de-eleicao-crucial-24205149>.

abertas e democráticas [...]. O fato também evidencia que os partidos tradicionalistas, na Itália, apesar de serem tão criticados e julgados pela população, ainda são os que mantêm os seus princípios, a sua linha de trabalho e inclusive a seriedade”²².

3.3 O Podemos

Apenas quatro meses depois de sua formação, o Podemos participou das eleições espanholas de 2014 e obteve cinco cadeiras de um total de cinquenta e quatro, obtendo cerca de 8% dos votos e alcançando o posto de quarto partido mais votado. Em seguida, tornou-se o partido mais seguido nas redes sociais superando partidos tradicionais como o PP (Partido Popular) e o PSOE (Partido Socialista Operário Espanhol). O partido teve “[...] a capacidade de ler o pulso social, de capturar as intuições fundamentais dos cidadãos espanhóis e teve sucesso em converter em armas eleitorais [...]”²³ (BOTANA, 2015, online, tradução nossa). Esse pulso social foi aquele iniciado nas ruas espanholas a partir da convocação do Movimento 15 de Maio (15-M), seguido pelo Movimento das Acampadas e congêneres.

Assim como o Partido Pirata e o Movimento Cinco Estrelas, O Podemos faz uso de um *software of decision-making* (plataforma de decisão online) chamada Participa²⁴, dividida em duas partes, uma para discussão e outra para decisões. A primeira parte, como o nome de *Nvotes* é utilizada para as operações de votação – anteriormente o *software* dessa parte era conhecido como *Agora Voting*, sendo descrito como um projeto de código aberto e de votação criptograficamente segura. Já a segunda parte da plataforma é conhecida com o nome de *Plaza Podemos*, sendo uma área dedicada às discussões internas do partido (GERBAUDO, 2019).

Independentemente dos caminhos adotados por cada um dos partidos e das plataformas de tomada de decisão por eles utilizados, tendemos a concordar com as palavras de Stephen Coleman (Professor de Comunicação Política da Universidade de Leeds no Reino Unido): “A contribuição real da democracia digital não reside no estabelecimento de uma democracia direta em oposição à democracia representativa existente, mas na extensão desta, com maior “registro da opinião dos cidadãos” (GERBAUDO, 2019, online).

4 A influência das plataformas digitais na democracia por meio das fake news

Atualmente, conforme vem sendo demonstrado ao longo do presente trabalho, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) possuem grande influência na vida

²² Para ler toda a matéria, acessar o endereço eletrônico: <https://oriundi.net/renata-bueno/renata-bueno-avalia-fim-tragico-do-movimento-5-estrelas-na-italia.html>.

²³ [...] Se reconoce la capacidad de leer el pulso social, de capturar los insights fundamentales de los ciudadanos españoles, y el acierto de convertidos em armas electorales [...].

²⁴ Para maiores informações sobre a navegação e o formato da plataforma, acessar a página: <https://podemos.info/>.

das pessoas. O presente item pretende trabalhar essa influência no âmbito da democracia. Antes de se falar sobre o fenômeno da pós-verdade e das notícias fraudulentas²⁵, importante trabalharmos o conceito de “informação”, com o máximo de amplitude possível.

A ideia aqui é, a princípio, estudar o entendimento da informação a partir do Paradigma Social engendrado por Capurro (2003). Socorremo-nos, aqui, do magistério de Almeida *et al.* (2007), que explicam que o Paradigma Social tem caráter interpretativo, focado no usuário e seu contexto social, a partir das “[...] possíveis perspectivas ou pontos de acessos distintos de acordo com o interesse do usuário ou comunidade.” (ALMEIDA *et al.*, 2007, p. 23).

A partir dessa proposta, é possível trabalhar com o processo de formação da informação como processo de formação de sentidos dos fatos, a partir do saber, acontecimentos, especulações, ações e projetos, cujo conteúdo é influenciado pelo ambiente em que o sujeito se insere, confirmando fatos e tendências, podendo resultar na acumulação do conhecimento e construção de memória. A informação se dissemina no tempo e no espaço e, para se tornar pública, utiliza os meios de comunicação, conforme lição de Tomaél (2012, p. 15).

O semiótico espanhol Manuel Castells (2011, p. 440) identifica a pós-verdade como um fenômeno social demasiado recente para que a pesquisa acadêmica tenha conclusões sólidas acerca de seu significado social. De toda forma, tencionamos deixar um pequeno contributo para esse estudo.

O assunto “pós-verdade” parece recente, tendo ganhado notoriedade em 2016, dada a estrondosa quantidade de informações falsas que apareceram nas mídias sociais. No mesmo ano, o Dicionário Oxford a escolheu como a palavra do ano (BBC, 2016). O Dicionário definiu o termo como “[...] relacionando a circunstâncias em que as pessoas reagem mais à emoção e crença pessoal do que a fatos objetivos” (tradução nossa)²⁶.

Contudo, em que pese a recente massificação do uso desse termo, ele, na realidade, foi empregado pela primeira vez em 1992 (LUCE *et al.*, 2017) pelo dramaturgo sérvio-americano Steve Tesich para se referir a conflitos ocorridos no Oriente Médio à época (TESICH, 1992).

Contudo, em 2016, surge uma ideia de pós-verdade política, que aparece como parte do processo de disseminação rápida e ampla de dados gerados a partir de TICs, o que gera um sem número de versões sobre acontecimentos. Nesse contexto, os chamados *spin doctors* (produtores de factoides) se aproveitam de inseguranças e incertezas provocadas por essa rápida disseminação de diversas versões dos mais variados fatos para, com fulcro em indícios ou mesmo convicções, criar pós-verdades, uma vez que os

²⁵ Muitos autores traduzem a expressão “fake news” como “notícias falsas”. Optamos, a exemplo de Eugênio Bucci (2018, p. 22), por seguir a tradução sugerida por Carlos Eduardo Lins da Silva, qual seja, “notícias fraudulentas”. É assim porque a expressão “fake”, na língua inglesa, pode ter o sentido da intenção do agente de enganar o interlocutor, o público ou o destinatário, ao passo que “falso”, em língua portuguesa, não necessariamente denota esse dolo.

²⁶ No original: “relating to circumstances in which people respond more to feelings and beliefs than to facts”. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/post-truth>. Acesso em: 09 ago. 2020.

fatos se tornaram demasiado híbridos, de verificação muito complexa (MONTEIRO FILHO, 2016, p. 13).

E, nesse contexto informacional, aparece um terceiro elemento, no qual não se pode categorizar toda informação como sendo verdade ou mentira, gerando-se uma espécie de *tertium genus* de informação que não é absolutamente verdade, mas que não é totalmente mentira (KEYES, 2004).

O semanário inglês *The Economist*, em setembro de 2016, afirmou que a ruptura entre o discurso político e a realidade dos fatos se agravava violentamente. Aponta, como sintomas, a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos e a campanha política que culminou com a saída do Reino Unido da União Europeia, no chamado “Brexit”. A acusação foi grave, eis que as democracias mais estáveis do globo estariam adentrando em uma era em que os relatos sobre os acontecimentos deixaram de se pautar na verdade factual (THE ECONOMIST, 2016).

Por mais grave que isso seja, o fenômeno parece ser esperado, eis que, conforme identificado por Walter Lippmann anos antes da reportagem do *The Economist*, por mais que a sociedade, *a priori*, se preocupe com a verdade – e essa questão será abordada mais à frente no presente estudo –, a realidade é que não estamos interessados em remunerar serviços jornalísticos comprometidos com ela (LIPPMANN, 1997, p. 203).

Na verdade, desde que existe imprensa, existe a mentira de imprensa. Jornais de fins do século XVIII e início do século XIX na Europa e nos Estados Unidos eram repletos de calúnias e xingamentos totalmente divorciados do equilíbrio, da ponderação e da objetividade. As publicações que acabaram conseguindo a importante conquista da liberdade de imprensa primavam pela linguagem violenta e não tinham qualquer compromisso com a verdade (BUCCI, 2018, p. 23).

Justamente por isso é que não se afigura adequado que a imprensa, comprometida ou não com a verdade, se envolva com a política. Parece que a política deve ser totalmente divorciada da busca da verdade.

Hannah Arendt (1995) busca separar o lugar da verdade do da ação política, em uma desvinculação categórica, verdadeira cisão metodológica, entendendo a esfera política como bem distinta daquela em que os fatos são apurados, investigados, pesquisados, narrados, historiados. Na política, temos a arte de se apropriar dos fatos com fulcro em representações ou relatos elaborados em domínios diferentes, como é o caso do jornalismo, mas localizar, apontar e difundir a verdade não são verbos empregados no domínio político.

Isso é ainda mais importante quando tratamos das chamadas *fake news*, eis que, aqui, temos a propagação de notícias totalmente divorciadas da verdade, que, em sua origem, possuem o dolo de ludibriar o interlocutor.

5 Considerações finais

Por todo o exposto e à guiza de conclusão, podemos afirmar que ambas as hipóteses do presente trabalho se confirmam. Por um lado, realmente, existe uma relação de meio de conexão entre os movimentos sociais supracitados. Por outro, de fato, os partidos digitais têm se mostrado cada vez mais importantes no cenário político e este

está cada vez mais influenciado pela rede mundial de computadores. E é nesse contexto que as notícias fraudulentas, especialmente aquelas de cunho eleitoral, se mostram como verdadeiro risco à democracia do país.

Referências

ALMEIDA, Daniela Pereira dos Reis *et al.* Paradigmas contemporâneos da Ciência da Informação: a recuperação da informação como ponto focal. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, Marília, v. 6, n. 1, p. 16-27. 2007. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/03/pdf_fc4f01292e_0008415.pdf. Acesso em: 09 ago. 2020.

ART of the lie. **The Economist**, 10 set. 2016. Disponível em: <https://www.economist.com/leaders/2016/09/10/art-of-the-lie>. Acesso em: 09 ago. 2020.

BARTKOWIAK, Jaqueline Zandona; FONSECA, Thatiane de Almeida; MATTOS, Gabriel Motta; SOUZA, Vitor Henrique do Carmo. A Primavera Árabe e as redes sociais: o uso das redes sociais nas manifestações da primavera árabe nos países da Tunísia, Egito e Líbia. **Cadernos de Relações Internacionais**, [S.L.], v. 2017, n. 1, p. 66-94, 20 jul. 2017. Faculdades Católicas. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17771/pucrio.cadri.30432>. Acesso em: 22 jul. 2020.

BBC. 'Post-truth' declared word of the year by Oxford Dictionaries. 16 November 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-37995600#:~:text=Oxford%20Dictionaries%20has%20declared%20%22post,public%20opinion%20than%20emotional%20appeals>. Acesso em: 9 ago. 2020.

BOIDY, Maxime. **Le black bloc, terrain visuel du global: éléments pour une iconologie politique de l'altermondialisme**. 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/teth/834>. Acesso em: 28 jul. 2020.

BOTANA, David Corominas. Nunca tan rápido ni tan grande. **Teknokultura: Revista de Cultura Digital y Movimientos Sociales**, Madrid, v. 1, n. 12, p. 177-186, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.5209/rev_TK.2015.v12.n1.48895. Acesso em: 31 jul. 2020.

BRASIL. Lei nº 13709, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). **Lei Nº 13.709, de 14 de Agosto de 2018**. Brasília: Planalto, 15 ago. 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm. Acesso em: 22 jul. 2020.

BRASIL. Senado Federal. **Projeto de Lei n. 2630, de 2020**. Institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=8110634&ts=1595879600303&disposition=inline>. Acesso em: 9 ago. 2020.

BRASIL. **Tribunal Superior Eleitoral**. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/criacao-de-partido/partidos-em-formacao>. Acesso em: 31 jul. 2020.

BUCCI, Eugênio. Pós-política e corrosão da verdade. **Revista USP**. São Paulo, n. 116, p. 19-30. Janeiro-março de 2018.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. The concept of information as we use in everyday. *In*: CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. **Annual Reviews of information Science and Techology**. Medford: Information Today, 2003. p. 343-411. Disponível em: <http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/CAPURRO.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2020.

CARTA de Princípios. **Movimento Passe Livre – São Paulo**. 2013. Disponível em: <https://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/carta-de-principios/#mobile-header-left-nav>. Acesso em: 27 jul. 2020.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 17. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2016.

CASTELLS, Manuel. #Wikiacampadas. **La Vanguardia**. Barcelona - Espanha, p. 01-01. 28 maio 2011. Disponível em: <https://www.lavanguardia.com/opinion/articulos/20110528/54160922879/wikiacampadas.html>. Acesso em: 27 jul. 2020.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri: Faro Editorial, 2018.

ESPÍRITO SANTO, Maíra Ouríveis. **Lutas sociais e ciberespaço: o uso da Internet pelo movimento passe livre nas manifestações de junho de 2013 em São Paulo**. 2014. 123 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/88730>. Acesso em: 24 jul. 2020.

GERBAUDO, Paolo. **The digital party**: political organisation and online democracy. London: Pluto Press, 2019.

HUETLIN, Josephine. **A história do movimento político mais eclético da Alemanha – é sobre liberalização digital, protestos nudistas, transparência radical e assassinato**. 2016. Disponível em: <https://partidopirata.org/a-ascensao-e-queda-do-partido-pirata/>. Acesso em: 31 jul. 2020.

KEYES, Ralph. **The Post-Truth Era**: dishonesty and deception in contemporary life. New York: St. Martin's Press, 2004.

LÍDER do Movimento 5 Estrelas renuncia na Itália dias antes de eleição crucial. 2020. **O Globo**, 22 jan. de 2021. Caderno Mundo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/lider-do-movimento-5-estrelas-renuncia-na-italia-dias-antes-de-antes-de-eleicao-crucial-24205149>. Acesso em: 31 jul. 2020.

LIPPMANN, Walter. **Public Opinion**. New York, Free Press Paperbacks (Simon and Schuster), 1997.

LUCE, Bruno; SILVA, Leila Morás; SILVA FILHO, Rubens da Costa. Impacto da pós-verdade em fontes de informação para a saúde. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, n. esp. CBBB 2017.

MONTEIRO FILHO, Armando Ortiz. Comunicação hi-tech: digital e pós-verdade política. In: PENSACOM BRASIL, 1, 2016, São Paulo, SP. **Anais eletrônicos...** São Paulo: PENSACOM BRASIL, 2016. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/pensacom2016/textos/armando-ortizmonteiro.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2020.

PREVIDELLI, Maria de Fátima Silva do Carmo. **O fenômeno da crise na Zona do Euro (2008-2010)**. 2016. Disponível em: <https://revistaacessolivre.files.wordpress.com/2016/07/revista-acesso-livre-nc2ba-5-janeiro-junho-de-20161.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

RENATA Bueno avalia “fim trágico” do Movimento 5 Estrelas na Itália. **Oriund.Net**. 24 jan 2020. Disponível em: <https://oriundi.net/renata-bueno/renata-bueno-avalia-fim-tragico-do-movimento-5-estrelas-na-italia.html>. Acesso em: 31 jul. 2020.

SANTOS, Fernando Jacinto Anhê. O ciberativismo como ferramenta de grandes mobilizações humanas: das revoltas no oriente médio às ações pacíficas do greenpeace no brasil. **Revista Anagrama**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 1-7, 2011.

TESCH, Noah. Mohamed Bouazizi: vendedor ambulante e manifestante tunisino. Vendedor ambulante e manifestante tunisino. **Encyclopædia Britannica**. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Mohamed-Bouazizi>. Acesso em: 24 jul. 2020.

TESICH, Steve. The Watergate Syndrome: the government of lies. **The Nation**, Nova York, 6 jan. 1992, p. 12-13.

TOMAÉL, Maria Inês (org.). **Compartilhamento da informação**. Londrina: Eduel, 2012.